Processo nº 92.1782-7 Justiça Federal da 1ª Vara da Seção Judiciária do Estado de Mato Grosso - Laudo Pericial Antropológico

Exmo. Sr. Dr. Juiz Federal da 1ª Vara da Seção Judiciária do Estado de Mato Grosso

03/97

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. BOD0070

Eugênio Gervásio Wenzel, antropólogo, nomeado perito do juízo nos Autos da Ação Ordinária de Desapropriação Indireta, Processo nº **92.0001782-7**, que **Francisco Luiz Bispo e Outra** movem contra a FUNAI e a União Federal, apresenta seu laudo pericial, respondendo aos quesitos formulados:

Respostas aos quesitos da

Fundação Nacional do Índio - FUNAI

e da

Procuradoria Regional da República:

1º) Se a área "sub-judice" pode ser considerada de ocupação permanente dos índios Bororo, habitantes da Área Indígena0 Merure?

A área "sub-judice" que integra as terras da Área Indígena Merure pode ser considerada de ocupação cultural e permanente dos índios Bororo, primeiramente, porque ela faz parte do território que ocupavam na época em que lá chegaram as primeiras bandeiras. Em segundo lugar, porque a Área Indígena Merure, como um todo, é imprescindível à sua sobrevivência física e cultural.

Quanto à imemorialidade de ocupação territorial, isso será explicado na resposta ao quesito nº 2; quanto ao aspecto da imprescindibilidade dessa Área Indígena para sua sobrevivência física e cultural, há que considerar que os Bororo são tradicionalmente caçadores, pescadores e coletores, atividades econômicas que necessitam de espaço territorial suficientemente extenso.

Como eles são basicamente caçadores e coletores, mantiveram essas formas econômicas tradicionais, ao lado de alguns elementos não integrantes de sua economia, como por exemplo, a criação de gado atividade que não implica, necessariamente, na supressão das primeiras.

Registros da década de 30, comprovam essas atividades diversificadas:

> "Durante três meses do ano, mais ou menos, passavam em grandes caçadas. O resto do tempo fixavam-se, plantavam milho, que conheciam desde há muito, colhiam frutas silvestres, caçavam e

Acervo ISA

pescavam nos arredores de suas aldeias. Assim é, mais ou menos, hoje ainda. Apenas o seu território diminuiu. No este, oeste e sul, foram repelidos pelo branco e no norte tiveram que fugir a índios ainda desconhecidos, aos quais os Bororo dão o nome de Kayamo. De medo de todos os seus vizinhos, os Bororo vieram há mais de 30 anos, às missões salesianas que foram, naquele tempo, fundadas na antiga estrada entre Cuiabá e Rio Araguaia" (Baldus 1937: 112-113, apud Viertler, 1990:101).

"Do ponto de vista das técnicas de produção, Baldus constatou que tanto os Bororo das missões quanto os de *Tori Paru* só caçavam e pescavam com arco e flecha e demais métodos tradicionais, não se observando o uso de pontas de flecha de ferro e de anzóis, apesar da facilidade de sua obtenção junto aos brancos, com contraste com a ampla aceitação de facas, machados de ferro e demais instrumentos cortantes (idem p. 283) " (Viertler, 1990:103).

"Segundo o mesmo autor, eram os brancos que forneciam aos Bororo, quer os das missões, quer os fora delas *(Tori Paru)* a maioria dos seus víveres atuais, além do sal e a aguardente. Associada a esta dependência alimentar, estava a redução de sua indústria manufatureira (certos adornos plumários, cerâmica), embora tivesse havido um estímulo à cestaria e continuassem fabricando fitas de algodão, não mais com fibras de tucum, mas com linhas importadas (idem p. 289). Continuavam, apesar de tudo, insuperáveis na fabricação de arcos e flechas, enfeites de caroços, ossos, unhas e dentes de animais, conchas de caracol ou mesmo metal de cartuchos, colocados nos lóbulos perfurados e nos lábios inferiores das criancinhas (idem p. 289). Em suma, a produção artística não havia diminuído" (Viertler, 1990:103)

Como as atividades econômicas dos Bororo estão repartidas em termos de divisão sexual do trabalho:

"(...) dado o seu treinamento tradicional para as atividades da coleta, as mulheres Bororo recebiam muitas vezes mais dinheiro do que os homens nos trabalhos da colheita nas missões, o que contribuiu para reforçar a sua independência em relação ao homem, que, segundo o modelo cristão, deveria ter mais poder do que ela (Baldus 1937: 296). A divisão do trabalho tradicional também explicava a preferência que tinham os homens pelo trabalho com o gado e outros animais, em detrimento da lavoura, enquanto as mulheres, que tradicionalmente não fiavam nem teciam, passaram a preferir tais atividades às suas exaustivas

Acervo ISA

tarefas de coleta de alimento vegetal (idem p. 297) já que podiam obter comida a partir das missões" (Viertler, 1990:104).

A perda de extensas zonas de suas terras, ocupadas hoje por fazendas e cidades, certamente estimulou / obrigou os Bororo a alterar suas formas econômicas, no que as missões, no caso de Merure, desempenham um papel marcante, sendo que já na década de trinta, "nas missões os Bororo plantavam mandioca, bananas, cana-de-açúcar, legumes e árvores frutíferas (cf. Baldus 1937: 113-114) " (Viertler, 1990:100).

Em suma, as terras que compõem a Área Indígena Merure são necessárias à sobrevivência física e cultural dos índios Bororo, considerando as formas tradicionais de uso da terra, bem como, as formas econômicas adotadas.

2º) Caso afirmativo o quesito anterior, quais os fatores históricos que consubstanciam a ocupação desses índios naquelas terras?

Os Bororo ocupam essas terras desde antes dos primeiros registros históricos conhecidos. Nestes constam referências quanto ao início da penetração dos civilizados na região do Mato Grosso, registrando desde o século XVIII, a presença dos Bororo, como senhores de um território que:

> "Segundo Couto Magalhães, 'ocupava uma área de 48 milhões de hectares'. Essa área estendia-se, desde um pouco além da divisa com a Bolívia, a Oeste, até além do rio Araguaia ao Sul de Goiás, alcançando o Triângulo Mineiro, ao Leste. Desde as cabeceiras do rio Cuiabá e rio das Mortes, ao Norte, até às dos rios Coxim e Negro, ao Sul" (Bordingnon, 1986:02).

Em publicação posterior do mesmo autor elaborada com uma antropóloga, reafirma a dimensão e a localização do Terra Indígena Bororo.

> "Os Bororo, antes do contato com os brancos ocupavam um território de aproximadamente 400.000 km^2, compreendido entre a Bolívia a oeste, o rio Araguaia ao leste, o rio das Mortes ao norte, e o rio Taquari, ao sul" (Bordingnon e Silva, 1987:57).

Acervo ISA

Esse território era de ocupação exclusiva dos Bororo por ocasião da penetração das primeiras bandeiras em busca de minérios, sendo esta busca o primeiro motivo, resultante da conjuntura econômica e política da época.

> "Os metais preciosos tinham preocupado os portugueses desde o início da colonização. As prematuras descobertas castelhanas no México e no Peru incendiaram as imaginações, e tornara-se crença arraigada que qualquer território da América encerrava necessariamente os preciosos metais. Com a esperança de encontrá-los, não foram poucos os aventureiros que desde o primeiro momento da ocupação do litoral brasileiro tinham internado pelo território desconhecido. Deles ficariam notícias vagas, pois quase todos se perderam: quando escapavam dos obstáculos de uma natureza agreste, iam acabar às mãos dos indígenas" (Caio Prado Jr. 1972: 56, apud Viertler, 1990:28).

Assim, a sorte dos Bororo foi determinada por causas alheias a eles, entre elas o fato de habitarem uma terra que se situava na rota para as minas de Mato Grosso. Destas, algumas foram abertas e exploradas em seu território tradicional.

Além do mais, diversos Bororo foram incorporados nas expedições rumo às minas, servindo como guias e soldados.

> "Antes mesmo do descobrimento de Cuiabá, havia em São Paulo índios Bororo tirados destes sertões, os quais já domesticados seriam de gula aos sertanistas para a conquista de outras nações de que não tinham notícias" (Caldas 1887: 18) ... "A bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, chamado o Anhanguera, que penetrou nestes sertões no século XVII, foi guiada pelos Bororo" (Caldas 1887: 46 Nota 36, apud Viertler, 1990:28).

Alguns grupos de Bororo, além de trabalharem como guias e soldados, eram contratados para combater seus tradicionais inimigos, os Kaiapó e outras tribos indígenas, para liberarem os seus territórios à exploração bandeirante.

> "O filho de Campos realizara 24 entradas nos sertões até o Paraguai. O filho de Antônio Pires de Campos, de mesmo nome, amansou os índios Bororo, de que se fez chefe, em meados do século XVIII, para combater os Caiapó, prestando relevantes

Acervo ISA

serviços ao governo colonial (cf. Siqueira 1898-1899: 10-11) " (Viertler, 1990:29).

"Com seu exército de Bororo, fazia parte das tropas que seriam enviadas de São Paulo para exterminar os Paiaguá. Seu prestígio crescia também nas lavras de Cuiabá e no meio dos Bororo que agora o tinham como seu chefe e contra quaisquer tribos que quisessem invadir seus domínios do rio São Lourenço e pantanais" (Carvalho 1937: 93 - apud Viertler, 1990:35).

"Segundo Caldas, os Guaraporé teriam sido arrasados pelos Bororo do rio acima, após a decisão de uma junta de todo povo, que também iria tentar amizade com os Guaicuru e os Guaná (cf. Caldas 1887: 11). Tratava-se, pois, de garantir e expandir as terras portuguesas em região de fronteira, razão pela qual a metrópole mantinha além do ouro, um interesse estratégico-militar nesta área" (Viertler, 1990:36).

"Na mesma época tornou-se necessário lutar contra os Kaiapó. Inimigos dos bandeirantes, e, consequentemente, inimigos dos Bororo, subordinados a Antônio Pires de Campos. Por volta de 1739, o governador de São Paulo Dr. Luiz de Mascarenhas conseguiu ordem régia autorizando a contratação do coronel Antônio Pires de Campos para fazer guerra de extermínio aos índios Kaiapó, visando afugentá-los e destruí-los, já que "infestavam" o caminho das Minas para São Paulo, dominando cerca de 800 léguas do sertão. No cumprimento desse novo encargo de guerra, o coronel recebeu armamentos adequados, que distribuiu pelos seus Bororo aquartelados e adestrados no São Lourenço. Nesse mesmo ano de 1742, montou ele seu exército aguerrido, no rumo da Serra das Araras e, dali, veio varrendo como um vendaval de morte, todas as aldeias dos Kaiapó, desde os rios Verde, Sucuri, Aporí, Serra Pelada, rio dos Bois ... " (Viertler, 1990:36-37).

Com relação aos Bororo Orientais, o mesmo autor descreve:

"A tribo dos Coroados que faz parte desta nação (a nação Bororo) por descender dos antigos Porrudos, principal origem dos Bororo ficou habitando os mesmos sítios dos seus antepassados. Dividida em grupos numerosos que ocupam o alto e baixo São Lourenço até os sertões dos seus confluentes Piquiri e Itiquira. Tendo cessado a navegação fluvial que desta província se fazia

Acervo ISA

para a de São Paulo, e extinguindo-se por isto a povoação de Camapã, que lhe servia de apoio, os Coroados ficaram senhores dos vastos sertões que medeiam entre o referido rio São Lourenço e a margem direita do Paraná, e ainda dos que se acham compreendidos entre as origens do Araguaia e as de um dos seus principais afluentes, o rio das Mortes" (Caldas 1887: 18) " (Viertler, 1990:39).

"'Tendo cessado a navegação fluvial que desta província (Mato Grosso) se fazia para a de São Paulo ... os Coroados ficaram senhores de vastos sertões que medeiam entre o referido Rio São Lourenço e a margem direita do Paraná e ainda dos que se acham compreendidos entre as origens do Araguaia e ... o Rio das Mortes. A única estrada que desta capital (Cuiabá) segue para o Rio de Janeiro, hoje quase que totalmente abandonada por causa da navegação a vapor do Rio Paraguai foi então o teatro das mais horrorosas cenas, das quais foram eles os autores' (Caldas 1887: 18 - parêntesis nossos) " (Viertler, 1990:57).

Essa informação corrobora o domínio que os Bororo procuravam manter sobre seu território, apesar das perdas significativas que lhes tinham sido impostas, tanto demográfica quanto territorialmente. A Terra Indígena Merure integra o conjunto de pequenas parcelas de seu território que, recentemente, foram reconhecidas como suas.

Bordingnon reúne alguns registros históricos relativos à área de terras ocupadas pelos Bororo, dos quais alguns foram selecionados e transcritos abaixo. Nestes registros transparece o quanto os Bororo foram incorporados em trabalhos a serviço da sociedade nacional, incluindo a defesa do território brasileiro.

"Em 19 de março de 1752, fundou, na margem direita do rio Guaporé, a nova capital de Mato Grosso denominando-a de Vila Bela da Santíssima Trindade. Freqüentes eram as entradas dos espanhóis que, pelo Tratado de Madri de 1750 deveriam ter ficado na margem esquerda do rio Guaporé. Sabendo da valentia dos guerreiros Bororos demonstrada em Goiás, chamou-os para ajudá-lo na defesa das fronteiras da Capitania. Escreveu de Vila Bela, em 26 de julho de 1756: 'Mando estabelecer alguns moradores rio abaixo com Bororos que é gentio muito valoroso ... que não se acomoda a estar aldeado ... e vive de montaria'" (1986:15).

Acervo ISA

"O presidente de Mato Grosso, José Saturnino, em 1825, cria a fazenda Passa Vinte perto da atual cidade de Barra do Garças, portanto em território Bororo. Envia ao Museu Nacional do Rio de Janeiro uma coleção de artefatos indígenas, muitos dos quais da tribo Bororo. Em 1829, Jerônimo Nunes manda 'examinar as águas termais descobertas daqui a 30 ou 40 léguas pela Bandeira que fora destroçar, os índios coroados' as atuais Águas Quentes de Santa Elvira. No mesmo ano inicia a abertura de uma nova estrada para chegar mais rapidamente a Minas Gerais e a São Paulo. Quem a levou a termo foi o presidente Pimenta Bueno, em 1836. Dita estrada passava pelo sopé da Serra de São Lourenço ou dos Coroados, atravessava o rio Pequiri e de lá rumava às cabeceiras do rio Sucuri, atravessava o rio Paranaíba chegando até Uberaba, em Minas Gerais. Mais tarde foi feita uma variante para Piracicaba no estado de São Paulo" (1986:19).

"Como se vê, o primeiro trecho da estrada passava pelo centro do habitat mais povoado de aldeias Bororos e nele foram instalados postos militares para proteger os viajantes das investidas bororas. Iniciou-se, assim, o quarto grande ataque à nação borora. O primeiro foi pelo rio Cuiabá; o segundo pela estrada Cuiabá-Goiás; o terceiro, pela estrada Cuiabá-Vila Bela e agora, pela Cuiabá-Uberaba" (1986:19).

"Em 5 de novembro de 1885, toma posse o presidente Joaquim Galdino Pimentel que resolve acabar com as atrocidades e atrair pacificamente os Bororos, tendo em vista, também, reduzir as grandes despesas das bandeiras que iam contra eles. Para isso, encarregou os alferes Antônio José Duarte que pediu a colaboração dos Bororos da cidade, entre os quais destacou-se a lendária Rosa Borora, (Cibáe Motojebádo) criada, junto com seus filhos, na casa do major Antônio Tomás de Miranda Rodrigues. A fala dela e os presentes do militar convenceram um grupo de Bororos a entregarem as armas e a entrarem pacificamente em Cuiabá no dia 16 de junho de 1886. No dia 29 do mesmo mês foram batizados 28 Bororos, sendo padrinhos o Presidente e sua esposa, Dona Maria Clara, conforme consta no arquivo da Cúria de Cuiabá" (1986:21).

"Em janeiro de 1887, outro grupo de 400 Bororos resolveu aceitar a paz. Guiado pelo famoso cacique Mugúio Kúri, ingressou solenemente na cidade e depositou as armas aos pés do capitão Duarte num monte tão grande que impressionou o povo cuiabano.

Acervo ISA

Foram todos solenemente batizados pelo bispo. Organizaram-se alegres festas regadas a aguardente. O que se passava, porém, na mente dos índios pode ser muito bem adivinhado pelo que Rosa Borora disse a seu filho antes de morrer: 'Não confies nos brancos, só agradam quando precisam' " (1986:21).

"Se os Bororos do rio São Lourenço estavam aceitavelmente pacificados, os dos rios das Garças, Araguaia, das Mortes e alto São Lourenço continuavam em conflitos sangrentos com os brancos. Aos fazendeiros goianos, há tempo estabelecidos na região, vieram a acrescentar-se os destacamentos das estações telegráficas e um grande número de nordestinos que, fugindo da seca, refugiavam-se em Mato Grosso em busca de melhor sorte nos garimpos de diamantes da bacia dos rios das Garças e São Lourenço. Nasceram assim, no começo deste século, novos povoados e vilas que mais tarde se transformariam em cidades como Barra do Garças, Torixoreu, Alto Araguaia, Alto Garças, Rondonópolis, Guiratinga, Poxoreu e General Carneiro. A maioria delas surgiram em lugares de antigas aldeias Bororos, gerando, muitas vezes, sérios conflitos" (1986:28-29).

"Em 1891 os Bororos mataram três soldados do destacamento da linha telegráfica nos lugares chamados Barreiro de Cima e das Bateias. O Marechal Rondon, nas suas memórias, fala das dificuldades que teve para convencer seus soldados a respeitarem os índios" (1986:29).

"Em 1897 os Bororos assaltaram a fazenda Tatu, perto de Araguaiana, matando os familiares do fazendeiro Clarismundo. Em represália, ele organizou uma expedição com muitos homens fortemente armados e foi perseguir os Bororos. Encontrou-os no córrego Aldeia, afluente do rio das Garças, e matou mais de cem. Outras barbaridades foram levadas a efeito contra os índios, lembradas até hoje pelos habitantes da região" (1986:29).

"Até finais dos século XIX, os Bororo Orientais são citados nos relatórios dos presidentes da província de Cuiabá, como "bárbaros de vida errante", "indomáveis", etc... São sempre mencionados como uma ameaça constante à ocupação do território circunvizinho à Cuiabá e à ligação entre Mato Grosso e Goiás. Expedições eram organizadas com o objetivo de punir os Bororo por defenderem seu

Acervo ISA

> território. Essas bandeiras, que sempre provocaram revide, capturavam mulheres e crianças, que eram distribuídas entre as famílias cuiabanas e possivelmente passavam a trabalhar como escravos" (Bordingnon e Silva, 1987:57).

> "Foi para aqui que se dirigiram os salesianos[1]. Em 18 de janeiro de 1902 acamparam num lugar freqüentado pelos Bororos denominado Tachos. Enquanto esperavam algum contato com os índios, cultivaram roças. Os Bororos, ao longe, observaram por longo tempo os novos chegados e inicialmente queriam eliminá-los. Finalmente, resolveram, em agosto do mesmo ano, aproximar-se pacificamente. Qual não foi sua surpresa, ouvindo o P. Bálzola falar na língua deles. Iniciou-se assim, a Colônia do Sagrado Coração de Jesus que não tinha nada a ver com as colônias militares ou as reduções jesuíticas. Aliás, foram os salesianos que 'se reduziram' aos índios, plantando suas tendas ao lado das choupanas bororas. Os silvícolas não foram obrigados a ficar junto aos missionários. Consta, nas crônicas da missão, que muitas vezes os Bororos saíam para longas caçadas, ou para visitar outras aldeias ou mesmo para mudar de acampamento. Só mais tarde foram aconselhados a fixar-se por causa do grande número de moradores (não índios) que apareciam nas redondezas" (Bordingnon, 1986:29).

Os arredores da Missão Merure e aldeia homônima, onde "apareciam" moradores não-índios, integravam as terras indígenas Bororo. A possibilidade de ação missionária, na primeira metade do século XX, segundo esse registro, consistia, além da catequese, em assegurar a defesa da vida dos Bororo. Não havia preocupação em defender uma área de terra, porque o índio era percebido como alguém a ser "civilizado", "cristão", que logo se conformaria a viver como minifundiário, modelo subjacente nessa ação. Essa atitude mudará a partir do final da década de 60, quando os missionários alteram a orientação de seu trabalho, passando a reconhecer a importância da defesa do direito à terra que cabe ao índio, respaldado na legislação.

A par da invasão de seu território, os Bororo foram acometidos de epidemias, cuja origem não é explicada, talvez pela evidência suposta. Além disso, os Bororo, já enfraquecidos passaram a sofrer ataques dos Xavante, até 1935.

---

1 Para a leitura, convém lembrar que o autor é Salesiano, na qualidade de "Mestre", que corresponde ao "Irmão Leigo", exercendo suas atividades em Merure, atualmente.

Acervo ISA

"Em 1923, a colônia do rio das Garças foi abandonada por causa de uma epidemia e a dos Tachos mudou-se para um lugar mais rico de água, chamado Merúri, onde floresce até hoje. Freqüentes eram os ataques dos Xavantes aos Bororos que não deixavam de contratacar. Houve mortes em ambas as tribos até 1935" (Bordingnon, 1986:31).

Bordingnon lembra alguns dados da evolução demográfica, que é revelador da ação da sociedade nacional sobre a terra e a gente Bororo.

"Em 1910, o P. Bálzola foi encarregado de fazer um recenseamento dos Bororos. 'Em setenta dias andamos duzentos e sessenta e cinco léguas, visitamos doze aldeias, contamos mil cento e quarenta e três Bororos [**1143**][2], excluídos os residentes nas nossas colônias'. Parte deles era aldeada, duzentos e dezessete [**217**] trabalhavam em fazendas, outros viviam escondendo-se dos brancos. Um pequeno grupo pensava que na terra 'só existissem Bororos'. Com certeza o P. Bálzola não visitou todas as aldeias bororas. Velhos Bororos lembram, com facilidade, mais de cinqüenta entre pequenas e grandes, encontrando-se nelas cerca de mil e seiscentos índios [**1600**], distribuídos entre as regiões do rio São Lourenço, Poxoreu e arredores. Quatrocentos [**400**] residem em Merúri e Sangradouro. Sendo que em 1910, foram criados por Rondon seis postos indígenas e cinco reservas ao longo do rio São Lourenço, parte das quais foram invadidas por fazendeiros. Em 1934, Baldus estima em menos de mil [**1000**] o número dos Bororos. Em 1959, Montenegro conta cerca de duzentos e setenta [**270**] Bororos na região do rio São Lourenço que, somados aos das missões salesianas e aos poucos de Paraíso e Jarudóri, nas proximidades de Poxoreu, totalizam quinhentos índios [**500**]" (1986:32-34), (números entre colchetes acrescentados).

"É esse o número mais baixo alcançado pelos Bororos. Desapareceram aldeias famosas como: Kejári, onde, em 1935, o antropólogo Lévi-Strauss estudou os Bororos; Tóri Páru, perto de Guiratinga e, mais recentemente, Paraíso e Judurórí invadidas, ou loteadas pela prefeitura e Poxoreu, esquecida do Artigo 198 da Constituição que reza: 'As terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a lei federal determinar, a eles cabendo a sua posse permanente'" (Bordingnon, 1986:34).

2 Os numeros entre colchetes foram acrescentados.

Acervo ISA

"Os moradores dirigiram-se, parte para as missões salesianas e parte para a aldeia de Tadarimana" (Bordingnon, 1986:34).

Ainda quanto à dinâmica demográfica:

"Montenegro em 1959, confirma o decréscimo numérico dos Bororo quando estima em cerca de 700 indivíduos o total dos Bororo Orientais, que, mais reduzidos ainda, em número de **626** (gn), constituem o montante aproximado para 1980, pequena fração de uma população aborígene, que, em 1901, era estimada entre **5.000** e **10.000** (gn) por Cook, e já tinha sido severamente desfalcada pelas guerras desde 1719" (Viertler, 1990:134).

Mais recentemente,

"Em outubro de 1979, o P. Gonçalo Ochoa fez um recenseamento detalhado, inclusive por faixas etárias e por clãs. Contou **626** (gn) Bororos, sendo 302 mulheres e 324 homens, assim repartidos: Merúri *167*, Garças **61** (gn), Sangradouro 24, Jarudóri 15, Tadarimana 105, Gomes Carneiro 152, Perigara 102" (Bordingnon, 1986:34).

"Segundo os levantamentos de Presotto, a população Bororo do Meruri esteve sujeita a fortes oscilações, entre um máximo de 217 Bororo em 1905, jamais recuperado, e um mínimo de 81, em 1967, uma média de 149 indivíduos entre 1904 e 1971 (cf. Presotto 1973: 13) " (Viertler, 1990:139).

No entanto, segundo informação local: "As crianças estão aumentando". A População atual de Merure é de 318 e de Garças é de 60.

Esse dado está mais próximo ao que se encontra na "Listagem das Terras Indígenas no Mato Grosso - CEDI/ Museu Nacional" em que, referente ao ítem: Reserva Indígena Merure, lê-se:

Povo: Bororo

Situação Jurídica: Demarcada. Dec. Nº 94014 de 11.02.87 Homologada demarcação.

Município: Barra do Garças e General Carneiro.

UF: MT

Extensão/ha: 82301

População: 365

Fonte: Grupioni: 86.

Acervo ISA

(Dados extraídos de: Dossiê - índios em Mato Grosso. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1987, p. 177).

Além da atuação missionária salesiana, Rondon certamente foi a primeira relação respeitosa que os Bororo mereceram em sua terra por parte da sociedade nacional.

> "Quando da passagem de Rondon pelo vale de São Lourenço e Rio das Garças, os Bororo ainda se encontravam em guerra com os brancos. Rondon, por métodos persuasórios consegue definitivamente dominar a animosidade dos Bororo com relação aos brancos, graças ao aprendizado da língua e de um aparente respeito pelos seus padrões culturais. Desta forma,
>
> '... a zona habitada por eles tornou-se livre de perigos e nela surgiram e surgem importantes fazendas e centros demográficos como Guiratinga, Poxoréu, Alto Araguaia, Torixoréu, Barra do Garças, Tesouro ... (Albisetti e Ventureli 1962:220-221) " (Bordingnon e Silva, 1987:59).

> "O Bororo dos vales dos tributários do alto São Lourenço e do Rio das Garças ainda se achavam em guerra com os civilizados matando, em fins de 1891, três soldados dos destacamentos do Barreiro de Cima e das Bateias, colocados então pelo Tenente Coronel Gomes Cameiro para defesa da linha, que, naquele ano, tinha sido inaugurada de Cuiabá ao Araguaia, posteriormente reconstruída após a pacificação dos Bororo do Rio das Garças (cf. Rondon 1949: 28-29). Em seus contatos com os Bororo, Rondon alimentava-os com milho e carne, brindava-os ao mesmo tempo em que se subordinava às suas decisões e práticas sociais (idem p. 30). Encontrava-os perambulando em turmas, em expedições de caça e coleta, por um amplo território de **48.000.000 hectares**, nos vales dos rios São Lourenço, das Garças e Araguaia (idem p. 32). No cargo de Chefe do distrito telegráfico de Mato Grosso nos sertões de Leste, Rondon, após pacificar os Bororo do Rio das Garças, quando começou a conseguir a amizade desses índios e aprender a sua língua, reconstruiu a linha telegráfica de Cuiabá ao Araguaia de 1892 a 1898 (idem p. 29 Nota 1) " (Viertler, 1990:69).

Parece que este relacionamento respeitoso por parte de Rondon também não serviu para assegurar o direito dos Bororo a sua terra, já

Acervo ISA

que, com essa ação de apaziguamento os índios deixaram de defender seu território, liberando a sua maior parte aos invasores.

Observa-se, pois, que no contato com a sociedade nacional, os Bororo sofreram tratamentos diversificados, enquanto a dimensão de seu território, era continuamente reduzida. Esse processo foi mantido por longo período, provocando, simultaneamente uma depopulação. Os sobreviventes foram territorialmente confinados a algumas nesgas do seu antigo território, as atuais "reservas indígenas" (conforme Viertler, 1990:19). Ao mesmo tempo, os Bororo vão sendo habituados a novos costumes, como pode-se ver no relato abaixo:

> "Acabara de regressar outra expedição do São Lourenço, trazendo 398 indígenas (entre mulheres e crianças) que vinham ver os brancos.
>
> "O contato com a nossa gente durante quase dois meses de viagem habituou-os à alimentação da carne de gado (sem falar do tal que eles não conheciam) e até ao uso de aguardente de cana, que desconheciam, quando era sabido que apenas comiam certos peixes e a carne de certos animais que caçavam, tanto assim que durante o tempo de suas agressões às fazendas de criação, se matavam alguma rez, jamais se aproveitavam de sua carne, não se apropriando de nenhuma. Esse costume porém modificou-se e o Coroado que obrigado pela diminuição da caça nos arredores de seu aldeamento mudava-se para onde havia mais abundância, hoje, habituado à alimentação de carne de gado, procurará se manter, obter as rezes de que carece, roubando-as nas fazendas de criação, até agora livres de sua devastação. Como pois, abandonar os indígenas, no estado em que chegamos, com a catequese, a si mesmos, a seus instintos..." (Caldas 1887: 57-59 - parêntesis nossos, apud Viertler, 1990:63-64).

Posteriormente, habituaram-se ao consumo da carne de rês de tal forma, que, além de capturarem reses de fazendas próximas a seus aldeamentos, nas últimas décadas desenvolveram uma criação de gado no interior de suas reservas, como hoje pode ser constatado em Merure.

Dessa forma, os Bororo vão sendo habituados a novos costumes, não apenas a nível econômico, mas de maneira peculiar no seu comportamento moral.

> "O relaxamento da moral tradicional era interpretado pelos Bororo como sendo a causa da sua fraqueza física e de condutas

Acervo ISA

reprováveis, tais como assassinatos entre Bororo "à moda dos brancos", que, como os garimpeiros, se matavam a tiros, coisa nunca vista no passado (idem p. 299-300)" (Viertler, 1990:104).

Essa mudança de conduta é corrigida pelos missionários que se estabeleceram junto aos Bororo, resultando no aprofundamento da relação pacificadora e, consequentemente, suas terras ficam totalmente vulneráveis à ocupação do civilizado.

Já na década de trinta, conforme informação local, alguns fazendeiros estabeleceram-se nas proximidades da Missão Meruri. Reforçando a conduta apaziguadora dos missionários, esses permitem que os filhos desses fazendeiros integrem o contingente de alunos nas escolas da missão. De tal modo que, pessoas que hoje contam com 40, 50 anos de idade, estudaram o primeiro grau junto com os Bororo.

"Subordinados a uma nova forma de autoridade e a um regime de trabalho desconhecido, os Bororo deixaram de fazer a guerra seja ao branco, seja aos seus inimigos tribais cada vez mais agressivos tais como os Kaiapó e os Xavantes. Os primeiros exerciam forte pressão na área do Piquiri, enquanto os últimos invadiam áreas da margem direita do rio das Mortes, ambas áreas tradicionalmente pertencentes aos Bororo (cf. mapa de Colbacchini e Albisetti 1940). Dada a sua inércia bélica em conseqüência da intervenção missionária, os Bororo acabaram sendo alvo de constantes investidas por parte dos Xavantes, iniciadas em 1907, nos Tachos, que embora revidadas pelos Bororo por sua própria conta, se estenderam até 1935, com um saldo de 7 mortos (6 Bororo e um civilizado) (cf. Albisetti e Venturelli 1962: 702) " (Viertler, 1990:74).

A partir de meados da década de 60, numa conjuntura política em que o governo canalizava esforços para o desenvolvimento do interior, com a abertura de grandes estradas e estimulando a exploração agrária mediante incentivos, muitas terras indígenas foram definitivamente ocupadas por não-índios, que, mais ou menos timidamente sob a tutela do SPI e da FUNAI, conseguem reservar algumas porções de seu território. Estas, por vezes, encontram-se parcialmente loteadas por fazendas e/ou ocupadas por posseiros. O destino das terras dos Bororo integra essa situação.

Acervo ISA

"Após 1964, houve florescimento de grandes empreendimentos agropecuários, estimulado pela política de incentivos fiscais preconizada pelo governo federal, acarretando, na década de 70, graves conflitos entre fazendeiros e grande massa de trabalhadores, que oriundos de Goiás e do Nordeste, sem terras e sem trabalho, em estado de penúria e endividamento junto aos patrões, contestavam a ordem vigente" (Viertler, 1990:83).

"(...) nesta última fase, a FUNAI não assumiu suas obrigações de tutela conforme o preconiza a Constituição e o Estatuto do Índio, endossando, por meio de uma política de omissões e subterfúgios (propostas para a emancipação por decreto das populações tribais, utilização de "indicadores de indianidade", para justificar tais emancipações por decreto, etc.) os interesses de grandes empreendimentos nacionais, em nítido conflito com as populações indígenas e com os brancos, pequenos proprietários e homens sem terra" (Viertler, 1990:92).

O Estado diminuiu a área destinada aos índios deixando a outra parte para moradores pobres.

"A partir de 1970, estes últimos venderam seus direitos a fazendeiros vindos de outros estados que começavam a formular projetos querendo atingir as terras dos Bororo. O grupo (os Bororo) percebendo o perigo começou a pleitear a redefinição de sua área. Depois de muita luta e sacrifícios que culminaram com a célebre chacina de Meruri, em que os fazendeiros e os jagunços atacaram a Missão em 1976, assassinando a sangue frio o Pe. Diretor da missão e Bororo Simão, a área foi demarcada, desta vez incluídos os lotes comprados pela Missão, os lotes reservados em 1918 e vários títulos particulares que tinham sido adquiridos na área que até 1950 era ocupada pelos Bororo. Esta demarcação teve lugar em 1976 e atualmente aguarda o decreto presidencial" (Serpa 1918: 34, apud Viertler, 1990:96).

Na impossibilidade de recuperar a posse da totalidade de seu território tradicional, os Bororo apelam para diferentes soluções, frente à situação de contato com a sociedade nacional. Nesse sentido, buscam assegurar a posse da área de terra reservada formando a aldeia do Garças, e aceitam projetos de desenvolvimento da FUNAI.

"Frente às crescentes invasões de suas terras pelos fazendeiros, os Bororo do Meruri passaram a ocupar o seu território formando

Acervo ISA

a aldeia do Garças. Esta, muito isolada, foi formada por antigos moradores do *Meruri*, que se desentenderam com os missionários, além de remanescentes da aldeia extinta de *Pobojari* (Paraíso, município de Poxoreu), relacionando-se com os Merurenses em termos de trocas econômicas, cerimoniais e casamentos. Já os Merurenses, dadas as facilidades oferecidas pela BR-070 cortando a reserva, mantinham contatos freqüentes com as cidades de Barra do Garças, General Carneiro e fazendas da região, relacionando-se inclusive com os Xavante da Reserva de São Marcos, ao norte da Reserva dos Bororo, desde 1957, para fazer visitas individuais e trocas econômicas sem que, até o momento, tivessem ocorrido casamentos intertribais (cf. Serpa 1981: 35-36) " (Viertler, 1990:106)

"A partir de 1970, os Bororo (...) pleitearam, orientados pelos missionários, a redefinição de sua área. Além dos grandes projetos agropecuários, desenvolvidos pelas fazendas vizinhas, os Bororo passaram a sentir os efeitos da pesca predatória e da nova estrada da BR-070, que atravessa a reserva, levando à perda de terras pelo surgimento de novas fazendas, aos desmatamentos, **ao represamento do rio das Garças por redes metálicas, que impedem a chegada dos cardumes até a reserva,** (gn) e conseqüente extinção de muitas espécies animais e vegetais úteis à sobrevivência dos Bororo. Dado este conjunto de fatores, os Bororo das missões não puderam deixar de tentar a sua adaptação por meio das técnicas da lavoura mecanizada, mais eficiente para o plantio nos cerrados, a partir de projetos agrícolas de porte médio, visando obter um pequeno excedente comerciável" (Viertler, 1990:106-107).

"Visando a obtenção de lucros (a renda indígena), a FUNAI auspiciou a implantação de diversos projetos de desenvolvimento: no Perigara, pequeno projeto pecuário com mão-de-obra Bororo possuindo reses pertencentes à FUNAI/DGPI e aos Bororo; no Tadarimana, projeto de maior monta envolvendo a intensificação do cultivo e a construção de uma estrada, a partir de 1978; nas Missões, projetos Meruri, Garças e Sangradouro, visando intensificar o cultivo na área dos cerrados, iniciado no Meruri, em 1977 e, em Garças, em 1979, coordenado pelos próprios Bororo, tecnicamente assessorados pela Missão (cf. Serpa 1981: (16-81) " (Viertler, 1990:158).

Acervo ISA

Esses projetos econômicos alienígenas provocaram efeitos não desejados nas terras de Merure aumentando, a situação de dependência dos Bororo em novos níveis, sua crescente pauperização.

> "Se aplicarmos o raciocínio de Gross ao caso dos Bororo do Meruri, os prognósticos são de conseqüências nocivas porque também houve a introdução de técnicas agrícolas mecanizadas na reserva do Meruri desde 1977, acarretando a aceleração da degradação dos solos, que torna cada vez menor a produtividade agrícola, aumentando-se, com isto, a situação de dependência dos Bororo em novos níveis, sua crescente pauperização que, evidentemente pode ser camuflada, nas Missões, por intermédio de formas mais sistemáticas de assistência desenvolvidas pelos salesianos. As condições desfrutadas pelos Bororo das Missões dependem fundamentalmente da presença político-econômica do branco que, funcionando como uma "estufa", no dizer de Montenegro, impedem a emergência de quaisquer formas de atuação autônoma por parte destes Bororo" (Viertler, 1990:178).

Em suma:

Pelo exposto, diversos fatores históricos consubstanciam a ocupação desses índios nessas terras, nas quais se integra a Área Indígena Merure. Sua ocupação é registrada pelos primeiros "bandeirantes" a alcançar seu território no século XVIII. Posteriormente foram submetidos a tratamentos diversificados por parte da sociedade nacional, entre amistosos e hostis, resultando na perda da maior parte de seu território em favor de fazendas, a par da perda de população, decorrente de doenças, guerras, chacinas. A Área Indígena Merure constitue uma parcela de seu território, destinada a um grupo de Bororo sobreviventes, e que estão em busca de recuperação demográfica e cultural. Esse fenômeno por si só indica a importância dessa área de terra para eles.

Acervo ISA

3º) Se em função da ocupação dos índios Bororo nas terras objeto da presente demanda, pode-se incluí-las na proteção constitucional sedimentada no art. 231 e seus parágrafos?

Na atual Constituição, pode-se ler:

Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os *direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam*, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Par. 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias e sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições".

Pelos dados apresentados na resposta ao quesito anterior, infere-se que a Terra Indígena Merure integra as terras tradicionalmente ocupadas pelos Bororo[3], em caráter pemanente, são utilizadas para suas atividades produtivas, são imprescindíveis à preservação dos recursos necessários a seu bem-estar físico e cultural, conforme reza o par. 1º do artigo 231 da Constituição.

Essas terras são por eles utilizadas para suas atividades produtivas. Estas são compostas pelas atividades de caça e pesca, coleta, por suas roças, incluindo os pomares; mais recentemente, a criação de animais foi incorporada como atividade produtiva, bem como a fabricação de artesanato para venda e outras atividades estimuladas pelo contato.

Considerando sua situação de acomodação à conjuntura decorrente do contato, segundo informação *in loco*, um grupo de 08 pessoas (Bororo) formaram um pasto de capim braqueara, ocupando uma área de 30 ha, com a finalidade de produzir semente para comercializar. Dão preferência para que a semente seja utilizada na área. Neste sentido formaram 50 ha de

3 "Para as sociedades indígenas a terra é muito mais do que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural mas é tão importante quanto este um recurso sociocultural" (Ramos, A.R. "Sociedade Indígenas". Ed. Ática, 1986:13 apud Gonçalves, 1994:82).

Acervo ISA

pasto, no que concorre toda a comunidade. Junto a este pasto tem um mandiocal, cuidado pelas mulheres.

Dentre os elementos, objeto de sua coleta, citam-se algumas plantas medicinais, a título de ilustração. Esta lista é complementada em anexo.

1. folha de carne - *Ogwu doge Erubo* = serve para purificar o sangue, limpa "bereba" (ferida crônica);

2. erva de bicho (beira de rio) - *Jugo doge Erubo* = serve para tudo (utiliza a planta inteira no preparo de chá);

3. douradinha do campo - usada para a mesma finalidade (folha);

4. batatinha de perdiz - *Parikiogodo Erubo* = utilizada para combater desinteria, cãembra de sangue, e para diversos males.

5. araticum - para picada de cobra (utiliza a entrecasca)

Pela coleta, buscam obter uma variedade de mel (abelhas): jataí, bijuí, borá, mandaguarí, caga-fogo, europa (um Bororo está criando dessa última variedade).

Se antes o cuidado com a roça era uma atividade feminina, atualmente a roça é cuidada tanto por homens como por mulheres.

Essas terras são <u>imprescindíveis</u> (embora não suficientes) à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar. O Bororo preocupa-se com a preservação do meio-ambiente, cuja integridade considera importante para que seja assegurada a obtenção de recursos necessários a seu bem estar.

Durante o levantamento de dados esteve presente um elemento da sociedade nacional, o que inibiu, de certa forma a manifestação dos Bororo contra os não-índios, a não ser indiretamente. Por exemplo, para os Bororo não representa benefício a ocupação de sua terra por pastagens extensas, que permitem tão somente a criação de gado. Para eles interessa que a vegetação nativa se recupere, juntamente com a fauna. Uma e outra são imprescindíveis à sua sobrevivência e seu bem estar.

> "**Tradicionalmente coletores e caçadores** (gn), fiéis ao padrão de economia Jê, mais e mais tem que voltar-se para a agricultura para proverem sua subsistência, contrariando totalmente seus hábitos ancestrais. Com a venda de artesanato nas cidades vizinhas, conseguem algum dinheiro para a complementação das necessidades adquiridas após o contato. Também participam com alguma relutância de projetos de desenvolvimento comunitário

Acervo ISA

aplicados pela FUNAI[4]; esses projetos são agrícolas (plantio de arroz) ou pecuária, muito distantes de sua tradição econômica" (Bordingnon e Silva, 1987:59-60).

"(...) Grandes festas faziam para quem matava uma onça e para o couro da mesma. Festa quase igual para quem matava um gavião real. Na caça dos pássaros muita importância tinha o abate de araras que procuravam apanhar vivas e criá-las a fim de aproveitar suas penas para confeccionar belos adornos" (Bordingnon, 1986:03).

"Eram, e ainda são, habilíssimos pescadores. Com redes, armadilhas, timbó, flechas e até com as mãos pescavam mergulhando na água. As aldeias eram construídas, geralmente, na beira de córregos ou rios. Um nome que até hoje usam para si é 'Orari Mógo-dóge', que quer dizer 'Moradores dos Lugares do Peixe Pintado'. (...) Limitavam-se a plantar pequenas roças de milho, fumo e algodão nativo e perene. Exímios conhecedores e observadores da natureza, em cada época do ano coletavam mantimentos para as aldeias. A coleta, a caça e a pesca coletivas integravam seus rituais" (Bordingnon, 1986:03).

Observou-se que a Área Indígena Merure coincide com uma das regiões que contem grande variedade de frutas, a tal ponto que durante o ano todo pode-se encontrar alguma fruta madura para comer. Além do que consta em anexo, lembraram algumas:

Piqui, murici, cajueiro do mato, araticum, marmelada, mangaba, puçá (amarelo e preto), curiola, aguarira (guabiroba) genipapo, bacupari, gravatá; diversos tipos de cocos: bocaiúva, babaçu, bacuri, buriti (sembereba).

"A aldeia Bororo original é de forma circular[5]. É fundamental para a organização social dos Bororos. É uma estrutura de igualdade e de complementariedade. Veremos por que.

4 À época em que o autor escreveu, esses projetos encontravam-se em pleno desenvolvimento. Atualmente não foi verificada essa forma de atuação por parte do órgão tutor.

5 A aldeia de Merure foge a este padrão, sendo que suas casas de alvenaria estão dispostas em forma de L. O centro virtual é ocupado pelo Baí, inexistente em 1980, e em 1986 era de palha, e atualmente é de alvenaria. No entanto, a aldeia de Garças, localizada na Área Indígena Merure, obedece a este padrão tradicional descrito.

Acervo ISA

"As casas estão dispostas em círculo, na mesma distância entre si e na mesma distância da casa grande central chamada 'bai mana gejéwu'. Ao redor delas há o 'Bororo', o pátio das cerimônias e danças. A casa grande e o pátio são o centro da vida cultural dos índios.

"Muitos julgaram e escreveram que a tribo borora teria um rápido fim. Hoje, pelo contrário, assistimos a um discreto aumento populacional. A cultura Bororo está viva e até pujante nas aldeias de Gomes Carneiro, Garças, Perigara, Tadarimana e Piebaga. Um pouco menos no Merúri onde há tímidos indícios de seu renascimento. É esquecida nos pequenos grupos de Pobóri e Sangradouro.

"A caça e a pesca escasseiam. Uma espécie de artesanato comerciável e atividades agro-pecuárias, nem sempre bem sucedidas, em todas as aldeias, provêem a seu sustento " (Bordingnon, 1986:47).

Durante a coleta de dados, os Bororo frisaram a importância da caça e da pesca, enumerando uma série de animais, que integram sua dieta, destacando dentre os peixes: matrinchã, pintado, voadeira (matrinchâzinha) piau, peixe-cachorro, pacu prata. Na sua captura utilizam técnicas como: anzol e linhada, arpão (de mergulho e com fisga amarrada), flecha e timbó. Não constroem mais pari e armadilha para peixe. Os locais de pesca por eles frequentados atualmente são o rio Garças e lagos próximos desse rio, bem como os córregos.

Dentre os animais que são objeto de caça, mencionaram, alguns, na seguinte ordem: Tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim; tatu galinha, peba, bola e canastra (este último é muito raro); além desses: ouriço, veado, anta, caitetu, queixada, macaco - bugio, prego, coati, cutia, paca, onça parda.

Mencionaram ainda, alguns animais caçados mas que não integram sua dieta: macaco da noite, jaguatirica (usam pele e dentes para enfeites cerimoniais), onça preta e pintada.

Para as atividades de caça e pesca, os homens reunem-se à noite no baí (casa dos homens no centro da aldeia) para cantarem em conjunto.

O produto desse empreendimento coletivo, pertence ao grupo. Exceção é feita à onça, que pertence a quem a matou. Nesse caso realizam uma festa com a pele da onça, como já foi mencionado por Bordingnon e Silva.

Acervo ISA

Em suma, pelos dados supra mencionados, pode-se inferir que as atividades econômicas dos Bororo inserem-se num contexto de práticas culturais. Para eles importa a vegetação nativa[6], pois assim tem segurança de encontrar frutas, plantas medicinais, animais de caça, e assim por diante, necessárias à sua sobrevivência física e cultural. Se hoje ampliaram as áreas de cultivo, e adotaram a criação de animais não implica que as atividades tradicionais perderam o significado. Deixam clara a preocupação em poderem intensificar a retomada de sua tradição, já que a possibilidade decorrente do contato, oferecida pela sociedade nacional, é inviável para eles, enquanto sociedade distinta.

4º) De quando data essa ocupação, tanto na área "sub-judice", como no conjunto de terras que compõe a Área Indígena Merure?

A ocupação dessas terras por parte dos Bororo data de tempos imemoriais. As primeiras bandeiras, no século XVIII que penetraram suas terras, já os encontraram aí. Num momento posterior as bandeiras contaram com o apoio dos Bororo para se protegerem dos ataques Kayapó e outros índios, ao atingirem as terras desses, em seu caminho à procura de ouro no Mato Grosso. Ver mais na resposta ao quesito nº 2.

6 "Cada população tem idéias próprias sobre as suas relações com o meio ambiente. Tais idéias e teorias são em grande parte meros reflexos da situação geral dessa sociedade dentro do mundo. Uma sociedade relativamente autônoma, como por exemplo algumas das populações mais isoladas da Amazônia, terá relações íntimas e de profunda familiaridade com o meio ambiente do qual depende para suprir suas necessidades. Enquanto que uma sociedade na qual as comunidades são interdependentes e especializadas, como por exemplo as populações urbanas, dependerá tanto ou mais das suas relações institucionais com outras comunidades do que do ambiente físico para sua sobrevivência. Portanto, quando falamos das relações entre o homem e o ambiente, temos que observar com precisão o grau de relacionamento entre a população humana e seu ambiente. Em alguns casos, o ambiente com o qual interage a população é um ambiente físico (a natureza), enquanto que em outros casos tal ambiente será principalmente as instituições sociais (i.é, a sociedadae). com a possível exceção dos bandos primitivos (i.é, sociedades caçadoras/coletoras), as comunidades humanas dependem da mediação social tanto ou mais do que dependem do ambiente físico. Portanto, as relações ambientais do Homo sapiens só podem ser compreendidas se se inclui o papel da cultura e das instituições sociais que intervêm entre nós e o ambiente (Ellen 1982)." (Morán, 1990:37).

Acervo ISA

5º) Se as terras que compõe a Área Indígena Merure são necessárias à sobrevivência físico e cultural dos índios Bororo?

As terras que compõem a Área Indígena Merure são necessárias à sobrevivência física e cultural dos índios, conforme resposta ao quesito nº 3. Segundo os dados apresentados acima, essa área, somada às outras reservas, representam uma parcela reduzida do território que ocupavam à época da conquista por parte da sociedade nacional. Em consequência, os Bororo, para sobreviverem, a par das atividades tradicionais, adotaram diversas práticas econômicas da sociedade nacional.

6º) Se a área "sub-judice" encontra-se total ou parcialmente no interior dos limites da Área Indígena Merure?

Segundo a informação do agrimensor[7], a área "sub-judice" encontra-se dentro dos limites da Terra Indígena Merure, junto a seus limites, abrangendo os dois lados da rodovia que atravessa a dita Terra Indígena. Esclareceu ainda que a sede da fazenda situava-se no lado sul da estrada, distante alguns quilômetros, não existindo mais caminho de acesso trafegável.

7 Pedro Lopes Miranda, residente em Barra do Garças, à rua Antonio Cristino Cortes, 270.

Acervo ISA

7º) Queiram os Srs. Peritos formularem considerações que tenham como pertinentes.

Algumas considerações

Os Bororo, além de perderem a maior parte de áreas de seu território tradicional, dividiram parte restante, sob os auspícios da Missão, com os Xavante que, na década de 50, aí chegaram em busca de socorro, conforme relata Bordingnon, missionário em Merure.

> "Em Merúri os Bororos viviam dentro de dois lotes de 25.000 hectares cada um, a eles destinados por Dom Aquino Corrêa em 1918, quando governador do Estado" (Bordingnon, 1986:36).
>
> "Em 1956, um grupo de duzentos Xavantes adoentados e famintos apareceu em Merúri para pedir ajuda. Vinha da Lagoa, além do rio das Mortes que no passado era o limite natural que os separava dos Bororos. Missionários e Bororos o acolheu e cuidou dele até se restabelecer. Depois, temendo que se iniciassem as antigas brigas, foi convidado a ocupar um lote dos Bororos a uns trinta quilômetros do Merúri, onde hoje existe a aldeia de São marcos, a maior aldeia Xavante. Os Bororos ficaram assim com um lote de Dom Aquino e algumas terras que a missão tinha adquirido" (Bordingnon, 1986:36).
>
> "Como em outras áreas indígenas, pequenos e grandes fazendeiros começaram a invadir a reserva, alguns deles com títulos fornecidos pelo Estado. Os Bororos teriam perdido também essa área se não tivessem começado a fazer valer os próprios direitos. Encabeçados por Lourenço, Eugênio e Raimundo e apoiados pelos missionários, em particular pelo P. Rodolfo diretor da missão, exigiram insistentemente que a FUNAI demarcasse novamente uma reserva para os Bororos que estavam em perigo de ficar sem nada. Vencida longa burocracia, em 1976 foi começada a demarcação. Os moradores da área, após tentar enganar os índios com falsas promessas e até levando embora parte deles, resolveram embargar a demarcação e não aceitar nenhuma proposta de indenização. No dia 15 de julho, chefiados pelo fazendeiro João Mineiro, cerca de 60 homens armados apareceram na missão. Assassinaram o P. Rodolfo e o Bororo Simão, deixando ainda quatro feridos, todos eles desarmados. Na confusão do tiroteio morreu também um filho dos fazendeiros. A área foi demarcada sem nenhuma indenização aos ilegais invasores e aos poucos que tinham títulos legais" (Bordingnon, 1986:36).

Uma vez demarcada e homologada a Área Indígena Merure, os Bororo procuram assegurar o controle dessa terra. Uma das formas escolhidas é o projeto de formar nova aldeia, além das aldeias Merure e Garças.

Na questão econômica, contam com a "parceria"[8] da Missão (Salesiana), da FUNAI, e da Prefeitura de General Carneiro. Domingos (Bororo de Meruri) é vereador nesta Prefeitura.

No entanto, suas atividades econômicas tradicionais são as que possibilitam a realização de seus rituais. Diversas atividades, como a caça e a pesca coletivas, são preparadas ritualmente[9]. São essas atividades que possibilitam que o Bororo mantenha sua identidade. Essa representa sua dignidade que está em manter seus usos, costumes e tradições, para o que, a Área Indígena Merure é necessária e imprescindível.

8 A grande maioria dos povos indígenas no Brasil conhece, em variados graus de precisão, os principais mecanismos que dinamizam o país. É um conhecimento adquirido por uma história e por uma vivência. A sua passagem para uma convivência pacífica se dá por uma espécie de pacto no qual os índios sobreviventes aceitam as regras derivadas das relações de servidão. A eles é permitido a manutenção de parte do seu patrimônio histórico e é facultado o conhecimento parcial e a experiência mínima dos desenvolvimentos da sociedade brasileira (Gomes, 1988:60).

9 "Cada sociedade tem uma relação com o meio ambiente através das diferentes práticas religiosas que cada uma possui. ... Cada sociedade têm uma relação com o meio ambiente em função de uma ideologia particular, existente dentro de uma cultura que socializa seus membros." (Morán, 1990:67).

Bibliografia utilizada

BORDINGNON, Mário Enawuréu " Os Bororos na História do Centro-Oeste Brasileiro 1716-1986". Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso/ CIMI.MT, 1986.

BORDINGNON, Mário e Silva, Joana A. Fernandes "Os Bororo", in 'Dossiê: Índios em Mato Grosso". Cuiabá, OPAN/CIMI, 1987.

GOMES, Mércio Pereira - "Os índios e o Brasil - ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência". Petrópolis, Vozes, 1988.

GONÇALVES, Wagner "Terras e ocupação tradicional - aspectos práticos da perícia antropológica", in *A perícia antropológica em processos judiciais*, organização Silva, O.S., Luz, L., Helm, C.M. Florianópolis, ABA, Comissão Pró-Índio de São Paulo, Ed. da UFSC, 1994, pp. 79-87

NOVAES, Sylvia Caiuby "Mulheres, homens e heróis: dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo".São Paulo, FFLCH/USP,1986.(Antropologia,8).

SERPA, Paulo Marcos Noronha "Boé Épa - o cultivo de roça entre os Bororo do Mato Grosso". São Paulo, Dissertação de Mestrado - Dep. de Antropologia, da FFLCH da USP, 1988.

VIERTLER, Renate B. "A vaca louca: tendências do processo de mundança sócio-cultural entre os Bororo-MT", in Revista de Antropologia - Vol. 33 - 1990, pp. 19-32.

VIERTLER, Renate Brigitte "A duras penas -um histórico das relações entre índios Bororo e "civilizados" no Mato Grosso". São Paulo, FFLCH/USP. 1990 (Antropologia, 16).

Este trabalho foi concluído na data de 25 de março de 1997.

Eugênio Gervásio Wenzel

Acervo ISA

ANEXO. 01

Calendário da Caça, Pesca, Coleta e Agricultura na Área de Tadarimana[1]

Local	Produto	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
R	Lambari			X									
	Curimbatá				X								
	Biaroporo				X								
	Traira					X							
R	Piraputanga			X	X								
R	Pedago			X	X	X							
R	Jurunpensém			X	X	X							
B	Areau			X	X	X							
R	Jurupoca			X	X	X							
B	Muçum			X	X	X							
R	Piau			X	X	X							
R	Dourado			X	X				X	X			
R	Pintado			X	X				X	X			
R	Pacu			X	X	X			X	X			
R	Abotoado			X	X						X	X	
	Tatuetê												
	Tatuapeba												
	Queixada												
	Quati												
	Caitetu												
M	Genipapo			X	X								
C	Fruta-Veado			X	X								
	Mareguetareu			X	X								
C	Caju			X	X								
C	Mangaba			X	X								
M	Jatobá			X	X	X							
C	Jatobá			X	X	X							
M	Mutamba			X	X	X							
C	Cumaru			X	X	X							
M	Babaçu					X							
M	Taruman									X			
C	Jabuticaba									X			
M	Marmelada									X			
C	Pequi									X			
M	Marmelada									X	X		
C	Marmelinho										X		
M	Acuri										X	X	
C	Macaíba										X	X	
M	Cajá										X	X	
	Roçado	X	X	X	X								
	Derrubada	X	X	X									
	Roçado				X	X							
	Queima					X							
	Coivara					X	X						
	Plantio						X		X	X			X
	Colehita				X	X	X	X				X	X

Siglas

[1] Trata-se de um grupo Bororo que segue esse calendário.

Acervo ISA

Principais Zonas Ecológicas e Sub-zonas Reconhecidas Pelos Bororo

Zonas Ecológicas	Sub-zonas Ecológicas
Bóku (Cerrados em Geral)	• Bóe Gigádu ou Bóe Gigudúri: "cerrado com capim baixo na Beira do brejo", vargem com capim". • Bóe lagédo: "áreas estéreis dos cerrados" • Bóku: "cerrado e campos cerrados - vegetação climax" • Bóku Rugúdu ou Bóku Akuréu: "cerrado limpo" • Bókodiwo Kurodure Bóe: "local climax de muitas frutas do cerrado, por exemplo, o lcoal com muitos pés de mangaba (Báto Í) que pode também ser chamado de Báto Í Gúru" • Ipogúru Tóru: "cerrado com árvores bem desenvolvidas e sem vegetação rasteira', "cerrado que é sujo" • Kíaoréu: 'cerrado com árvores grossas", "cerrado fechado e sujo devido a concentração de caprim-navalha e tucum-mirim", "lugar de anta" • Paroréu: "lugar de cascalho com vegetação rala"
Bóe Éna'J'áka (Transição Mata/Cerrado)	• Bóe jipá: "beira da mata ou do campo". "local de tatú" • Bóe Kú Méki: "várzea entre uma cabeceira e o cerrado". "Bóku molhado", "se a mata e o cerrado estão secos, este local está sempre molhado" • Kíaoreu Karena ou Itúra Karena: "cerrado meio mata, muito sujo", "não é mata e nem cerrado" • Itúra Akári: "manchas de mata dentor do cerrado" • Noá: "área de barreiro ou lambedouros", "campo com capões" • Boé Akári: "mta com vegetação de

Acervo ISA

	cerrado à beira das cabeceiras ou várzeas", "é um pouco de Kíaoréu, é uma roda aqui e outra ali, é só Bóu dentro da Itúra"
Itúra (Mata em Geral)	• Bóe Barúgwa: "clareira da mata', "área de cipoal e espinhos" • Bóe Éna: "mata sobre um espigão" • Bóe Épa Códu: "capoeira de roça" • Bóe Óto Kajejéwu: "mata na encosta da serra' • Iágu-Gúru: "pequena mata na beira-rio" • Itúra Aroáe: "mata alta, climax" • Itogúru ou Itogúru-Réboe ou Pararogo Uta: "mata de palmeiras nas cabeceiras de córregos", "áreas de concentração de palmeiras, por exemplo um buritizal (Marídogúru)", "locais de brejo onde só nasce árvores fracas de madeira branca, por exemplo, pindaíva e jequitibá" • Itúra Turoréu o Iwodurígi: "mata sombria", "área de concentração do Iwódo, cujas folhas são usadas na confecção de ornamentos para o funeral" • Tóri Éna Túru: "mata na sumidade da serra"

Obs: A organização destas categorias foi feita conjuntamente com os Bororo Otávio Kodokodo e Eduardo okogue.

(Serpa, 1988:106-107)

Acervo ISA

Quadro Resumo: Plantas Selvagens, Segundo Localização e Uso

Ecozona	Nº	Plantas	Uso									
	Nº	%	Alimentação				Variados					
			A	B	C	Total	D	E	F	G	H	Total
Bóku	47	27,5	13	4	9	26	-	12	13	1	1	27
Bóe Éna J'áka	9	5,3	3	2	4	9	-	1	4	-	-	5
Itúra	115	67,3	11	14	32	57	7	10	53	5	2	77
Total	171	100	27	20	45	92	7	23	70	6	3	109

Siglas

Uso na Alimentação:

A - Frutas
B - Bebidas
C - farinhas, mingaus, assados e plamitos

Uso Variado:

D - pintura e ornamentação corporal
E - farmacopéia, fumos, cariapé e defumadores
F - artesanato (madeira, embiras, folhas, sementes, resinas)
G - lenha
h - isca para caça e pesca

(Serpa, 1988:117).

Acervo ISA

Plantas Cultivadas pleos Bororo

Nomes			Localização	Uso	Variedades
Bororo	Português	Científico			
Akígu Ika	Algodão	gossypium arb.	Akujéi	tecelagem	1
Bako Ito	Banana*	Musa paradisiaca	Bóe Épa	alimento	6
Bie Í	Jenipapo	genipa americana	akujéi	alimento/corante	1
'Ju Ika	Mandioca*	Manihot sp.	Bóe Épa	alimento	8
Kuíada	Milho	Zea mays	Bóe Épa	alimento	2 (?)
Méa ika	Tabaco	Nicotina tabacum	Akujéi	fumo	?
Nóa Móto Tadawu	Amendoim*	-	Bóe Épa	alimento	?
Nonógo Ika	Urucum	bixa orellana	Akujéi	corante	1
Nonoguje Ika	Urucum	Boxa sp.	Akujéi	corante	1
Óce	Coroatá	Bromeliácea (?)	Akujéi	alimento	?
Rugóbo	cabaça	Cururbitácea (?)	Akujéi Bóe Épa	recipientes	?
Powári	Cabaça	Lagenaria siceraria	Akujéi	recipientes	?
Ri boaréu	Abóbora*	Cucubita pepo	Bóe Épa	alimento	?
Takoréu	Cana*	Saccharum off.	Bóe Épa	alimento	?
Arrói	Arroz*	Oryza sativa	Bóe Épa	alimento	3
-	Mamão	Carica papaya	Akujéi Bóe Épa	alimento	?
-	Feijão	Phaseolus vul.	Bóe Épa	alimento	?
-	Batata	Ipomea Batatas	Akujé Bóe Épa	alimento	?
-	Batata*	Solanum tuberosum	Akujéi Bóe Épa	alimento	?
Tadari	Cará	(Dioscoreácea) ?	Akujéi Bóe Épa	alimento	?
-	Laraja*	Citrus sp.	Akujéi	alimento	?
-	Goiaba*	Psidium guayava	Akujéi	alimento	?
-	Manga*	Manifera indica	Akujéi	alimento	?

Obs: As plantas indicadas por (*) são de introdução pós-contato; os outros cultivos são nativos, segundo os Bororó.

(Serpa, 1988:120)

Acervo ISA

Variedades dos Principais Cultivos

A - Banana (Musa sp.) **Baco Ito**		
Bororo	**Português**	**Uso**
Báku Oraí	Banana terra	b,d
Báku ú Tarigado	Banana Bananinha	d
Báku Ito Torigado	Banana Nanica	d
Bóku Ó Parapara	Banana Chifre-de-boi	d
Bóku kujágo	Banana roxa	b
Báku Ó Etaeira	Banana sebo ou 3 quinas	b

B - Mandioca (Manihot esculanta) **Jú Ika**		
Bororo	**Português**	**Uso**
Jú Kujágu	Paraguai	a, c
Jú Bakairi	Bakairi	a, c
Jú Kigádo	Aipim	b, c
Jú Ika Tarigódo	"3 meses"	b
Jú Áru kurigódo	Vassourinha	c
Jú Brabo	Brava	c
Jú Mána	do mato	-
?	matrichá	a, b
?	olho-roxo	a, c

C - Milho (Zea mays) **Kuiadá**		
Bororo	**Portugês**	**Uso**
Kuiadá Kujagureu	vermelho	a, b
Kuiadá Kigaduréu	branco	b
Kuiadá Ékureu	amarelo	a, b, c
Kuiadá Kagoriréu	roxo/vermelho	a, b
Kuiadá Coréu	preto	b
Kuiadá Kadámo et Iaoréu	vermelho/amarelo	a, b
Kuiadá	híbrido*	a, b
"Cateto"	cateto*	c

Siglas

Formas de Cosumo: a - assado b - cozido
c - farinha d - crua

Acervo ISA

ANEXO. 01

Calendário da Caça, Pesca, Coleta e Agricultura na Área de Tadarimana[1]

Local	Produto	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
R	Lambari			X									
	Curimbatá				X								
	Biaroporo				X								
	Traira					X							
R	Piraputanga			X	X								
R	Pedago			X	X	X							
R	Jurunpensém			X	X	X							
B	Areau			X	X	X							
R	Jurupoca			X	X	X							
B	Muçum			X	X	X							
R	Piau			X	X	X							
R	Dourado			X	X				X	X			
R	Pintado			X	X				X	X			
R	Pacu			X	X	X			X	X			
R	Abotoado			X	X						X	X	
	Tatuetê												
	Tatuapeba												
	Queixada												
	Quati												
	Caitetu												
M	Genipapo			X	X								
C	Fruta-Veado			X	X								
	Mareguetareu			X	X								
C	Caju			X	X								
C	Mangaba			X	X								
M	Jatobá			X	X	X							
C	Jatobá			X	X	X							
M	Mutamba			X	X	X							
C	Cumaru			X	X	X							
M	Babaçu					X							
M	Taruman									X			
C	Jabuticaba									X			
M	Marmelada									X			
C	Pequi									X			
M	Marmelada									X	X		
C	Marmelinho										X		
M	Acuri										X	X	
C	Macaíba										X	X	
M	Cajá										X	X	
	Roçado	X	X	X	X								
	Derrubada	X	X	X									
	Roçado				X	X							
	Queima					X							
	Coivara					X	X						
	Plantio						X		X	X			X

[1] Trata-se de um grupo Bororo que segue esse calendário.

Acervo ISA

	Colehita				X	X	X	X				X	X

Siglas

R - Rio **B - Baía (lagoa)** **M - Mata** **C - Cerrado**